

***Folhateen* – Muito prazer, e algum dinheiro por acréscimo (1)**

Sérgio Dayrell Porto(2)

Resumo

Com a manchete *Muito Prazer a Folhateen* publicou a matéria ‘ faturando com sensualidade’ (...) ‘ shows sensuais na webcam, venda de calcinhas usadas e ensaios fotográficos, rendem grana extra a meninas...’ Relaciona-se sensualidade na internet e faturamento extra, um novo tipo de negócio, um *trampo*. O arquivo não é novo, tampouco seria notícia, caso a matéria da Folha de S. Paulo, não enfatizasse o jogo, a brincadeira envolvendo sexo e sensualidade das meninas teenager. Explora-se o seu desejo em se mostrar na web, mais do que a troca por dinheiro. Jéssica, 19, diz “sacanagem é minha praia”. O texto gerou na semana seguinte vários protestos dos pais de meninas: “ Queria expressar minha profunda indignação com a matéria. Pai de duas filhas, enoja-me que se perca tempo assim”. As insinuações de que sensualidade das meninas é brincadeira na internet é mais forte do que o o ganho de dinheiro extra, e o *newsmaking* do jornal acaba prevalecendo, mesmo com as ponderações de psicólogos.

Palavras-chave

prazer; faturamento; brincadeira; meninas; webcam.

(1)Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado em Goiânia, Goiás, de 27 a 29 de maio de 2010 –
Tema geral do Congresso: Comunicação, Cultura e Juventude

(2) Coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília , e. mail: sergiodeporto@terra.com.br

Diante de uma clientela de classe média alta, o tablóide *Folhateen*, que sai encartado semanalmente, às segundas-feiras, no jornal *Folha de S. Paulo*, dedicado ao público jovem, adolescente, chamado de *teenager*, idades entre 13 e 19 anos, publicou matéria de capa na edição de 5 de abril de 2010 com a manchete *Muito Prazer*, com o subtítulo ‘garotas exploram a sensualidade na web e faturam com isso’. A imagem estampada na capa é uma foto com legenda de ‘Jéssica, 19, que cortou a língua para bifurcá-la e fez um ensaio erótico em site’. Não só a sua língua foi cortada no meio, como também a sua foto na capa do tablóide é montada em 3 closes iguais e trifurcados. Jéssica está sorrindo e mostrando a sua língua sensualmente cortada em duas, o que deve ter-lhe causado problemas de dicção e pronúncia, pela passagem de ar.

As páginas 6 e 7 da edição fazem uma página dupla dedicada a Comportamento, e o título da matéria é *Faturando com sensualidade*, e o subtítulo explicita ‘Shows sensuais na webcam, venda de calcinhas usadas e ensaios fotográficos rendem grana extra a meninas, mas podem acabar em preconceito’. A matéria é assinada pela colaboradora da Folha, Anna Virgínia Balloussier.

Três meninas aparecem com suas fotos na ilustração da matéria, sendo uma delas Jéssica, onde pode-se ler no box: “Jéssica, 19 – Assim que atingiu a maioridade, a estudante de moda da Uniban posou nua para o site de uma produtora pornô. Desconfia que a mãe saiba do ensaio, mas prefere não tocar no assunto com a família. ‘Para não gerar polêmica. Pelo que conheço, vão falar que é coisa de menina sem-vergonha’”.

Aplicando o método das Seis leituras interpretativas em massa folhada, criado por este autor em 1997, no livro *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*, e revisto agora em 2010, pela Editora Casa das Musas, de Brasília, lembra-se que :

A Massa Folhada ou a Cebola em suas camadas, sabores e leituras. Pitada inicial: As seis leituras, embora independentes, não se excluem, interpenetram-se, compreendem-se a si mesmas, são solidárias umas com as outras. Isso possibilita, por exemplo, que tanto se faça uma leitura após a outra seguindo sua ordem de apresentação, ou que se volte à segunda, e passa-se para a quarta, e assim por diante. Elas podem operar até em dobradinhas, por exemplo, a *leitura polissêmica* casa-se com a *leitura parafrástica*, com separação de bens, a *leitura arqueológica* junta-se à *leitura de acontecimento* em tempos diacrônicos (transformações históricas que atingem os sistemas lingüísticos), e a *leitura enunciativa* se dá bem com a *leitura argumentativa*.

1ª. – leitura polissêmica

Narciso feminino e narcótico sensual

Transformações da intimidade. Meninas teenagers expõem seus corpos nus, na internet, geralmente faturando em sites pornô. Esse tipo de comportamento sensual e sexual encontrou na rede mundial de computadores um largo caminho de aceitação. O recato feminino, que podia muito bem ser a tônica comportamental de adolescentes, antes do advento da internet, agora expandiu-se, na medida em que as adolescentes podem comportar-se sem pudor, mas de alguma forma são guardadas pela cortina da virtualidade. A mulher que recebe a todo instante o convite para a sedução, para mostrar seu belo e sarado corpo para si mesma, para os homens e também para outras mulheres, consegue afinal desvencilhar-se dos cuidados e vigilâncias familiares para realizar-se narcisicamente, expondo-se na internet, afinal, um lugar público e privado ao mesmo tempo. Até que a comunicação tradicional vinha parelha com a idéia da mulher que se preparava para o casamento. Com o advento da internet, e sua proposta democrática, a mulher passou a se ver reconhecida na comunicação plural, a ponto que o exercício de sua sexualidade ganhou novas perspectivas de exposição, como o prazer desvinculado da procriação. Exposição que pode, em muitas situações, ficar à media luz, na medida em que atinge um mundo quase que em metalinguagem, um mundo meio as escondidas, um mundo que prefere se recobrir, mas ao mesmo tempo se deixa descobrir. As meninas também exercem a sua agressividade juvenil, tendo como arma o seu próprio corpo, que vai servir de narcótico para outros e outras, e também para si mesmas.

No jogo da etimologia, narciso vem de narcótico. É o exercício da autoridade e de uma certa arrogância diante do outro ou da outra, a parti de seu próprio corpo dominador, marcado pela beleza e pela juventude. Hoje, este mesmo corpo é quase sempre marcado por tatuagens e peircings, e no caso de Jéssica, da reportagem da Folhateen, marcado com a exibição de uma língua bifurcada. Bem que as meninas gostariam de ter dois ou mais corpos para mostrar, pois um apenas seria insuficiente para dizer alguma coisa e produzir sentidos desejados e até indesejáveis.

Com a leitura polissêmica várias interpretações são válidas, como por exemplo esta acima, em que prevaleceu mais um cunho freudiano.

2ª. - leitura parafrástica

Prazer e capitalismo – sexo e mercadoria

Segundo o Dicionário de Semiótica de A.J. Greimas e j. Courtés,

paráfrase é uma operação metalingüística que consiste em produzir, no interior de um mesmo discurso, uma unidade discursiva que seja semanticamente equivalente a uma outra unidade produzida anteriormente(...) não seria inútil distinguir dois tipos de paráfrase: a – substitutivas ou denotativas, que visam a equivalência direta com o enunciado parafraseado; b – oblíquas ou parcialmente conotativas, cujo conteúdo torna não ambíguo o enunciado primeiro, por referência ao contexto do enunciado ou à instância da enunciação” (GREIMAS, COURTÉS: 1979, P,20)

O sexo acaba sendo mercadoria, algo que vende, que é consumido, que é ‘commodity’ que é consumido por ser cômodo, gostoso, luxuriante. A matéria mostra a relação da sensualidade com a mercadoria. Uma forma de prostituição sem o ser ostensivamente. As meninas focalizadas acabam sendo recatadas, mesmo mostrando-se nuas ou vendendo suas calcinhas usadas por US\$60 cada, ou vendendo suas conversas como hostess sensuais por US\$2,99 o minuto. Qual o sentido de se vender uma calcinha usada? O cheiro, o sujo, a intimidade maior, a agressão mais acentuada, o nojo, o subproduto de uma mercadoria que poderia até estar suja de sangue ou de esperma. Realismo exacerbado, gosto surpreendente, o que mais estaria à venda? Calcinha suja, um fetiche narcotizante, dinheiro extra no faturamento do mês dessas meninas que encontraram mais um nicho no mercado de sexo e da sensualidade.

A mercadoria trazer comodidade e prazer é quase um pleonasmo, e é uma paráfrase na medida em que é a mesmice de sempre que se repete: sexo dá prazer, custa caro, é mercadoria sempre procurada, e que exige do ser humano um gozo, o mais total possível. Está-se dentro de um círculo vicioso. As meninas que se expõem na internet têm um bom mercado pela frente, isso porque possibilita que elas tenham prazer e gozo de se mostrarem e todos os que as vêem têm prazer e gozo, na medida de suas excitações de voyeurs. A matéria da Folha de S. Paulo caminha pelos dois fronts, o prazer e o faturamento. Qual seria o carro chefe que conduz essa tomada de posição, pode ser tanto um quanto o outro. Dinheiro é bom e sexo melhor ainda, ou vice-versa. Mas a editoria

do Folhateen tem que tomar seus cuidados, não podendo agredir tanto o seu público leitor típico. Nessa linha, a matéria tem até ares de caretice. Idas e vindas, para lá e para cá, não se sai da roda, as idéias são sempre as mesmas, deve-se venerar o sexo e a mercadoria, mas nem tanto! Pode-se dizer que *Muito Prazer* é uma matéria de comportamento que opta pelo muito prazer mesmo, salvaguardados os perigos que essa postura corre. Apelandose para Michel Foucault, o sexo continua amplamente vigiado, por mais prazer ou menos prazer que ele proporcione. As coisas veladas que acontecem preferencialmente na vida virtual acabam importando da vida atual (melhor do que vida real) aquela série de interdições que todos conhecem. As meninas da matéria da Folhateen não estão salvas pelo gongo. Eles repetem um comportamento e a sociedade que as vigia também, de que sexo, principalmente o periférico, deve ser vigiado. Michel Foucault diz: “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo (FOUCAULT: 1993,P.36). A menina Jéssica, 19 . entrevistada na matéria comporta-se como se sua mãe não soubesse de seu comportamento, no entanto tem plena ciência que isso acontece; Ela diz: “ para não gerar polêmica. Pelo que conheço, vão falar (minha família) que é coisa de menina sem-vergonha (posar nua na internet)”

Tautologia, paráfrase, pleonismo, o certo é que o discurso sobre sexo é repetitivo, e a Folhateen não consegue inovar com a sua reportagem “Muito Prazer. Esta matéria traz Jéssica fotografada com a linha partida em duas, seria no sentido de causar maior prazer em seus parceiros? Ou tudo não passa de algumas variações sobre o mesmo tema?

3ª. – leitura arqueológica

Sexo, diversão e ganha pão

Sexo e sensualidade por dinheiro é uma das possibilidades da sociedade de serviços. No corpo da matéria, a colaboradora da Folhateen conta o caso de Priscila, 26, que dividia com o namorado “ formas divertidas de ganhar dinheiro “ Encontraram a saída e a clientela, voyeurs que pagavam para vê-la, ela e o namorado, transando na internet. A matéria do tablóide vai mais além, quando diz “ a partir daí, fermentou a idéia de transformar o sexo em ganha pão – ainda que sem transar com outras pessoas”.

No momento, Priscila vende shows eróticas na internet, trocando US\$50,00 por cada 15 minutos de exposição explícita. O arquivo não é novo, é o uso ou a troca da mesma moeda, dinheiro por sexo, dinheiro por sensualidade, agora apenas facilitado pelas virtualidades da internet.

A matéria da Folhateen exhibe também a foto de Mari ,22, dona dos blogs “Vulva em fúria” e “Pornolândia”. Nesses blogs o trampo (regionalismo paulista, que significa negócio extra, bico) é a conversa em chats em que meninas são pagas para conversar e trocar idéias e imagens com clientes virtuais. Numa dessas imagens, as meninas podem masturbar-se ou simplesmente fazer boquinhas sensuais. Não há assim mudança de arquivo, de paradigma, é a mesma coisa de sempre, ganhar dinheiro a custa de sexo, dentro de um mercado bastante informal e fazendo uso da internet. A matéria se refere à Raquel, 22, dizendo “exibir-se na webcam também ajudou a turbinar a sua conta bancária”.

Como o sexo oposto pensa? É preciso entrar no jogo!

Curiosidade ou pesquisa existencial? O que pode ser uma novidade nessas práticas, mostrando um arquivo um tanto ou quanto diferenciado são as preocupações de Raquel: “ sempre tive curiosidade de saber como o sexo oposto pensa. Acabei me jogando. Mas, na primeira semana um freguês não parou de gritar ‘ mostra as tetas’, e ela se jogou mesmo foi no choro. Durou um mês no trabalho, o que lhe rendeu uns R\$700”. Mas exibir-se com sensualidade para voyeurs não é arquivo novo, a prática é antiga. Desde que o mundo é mundo o corpo nu atrai e a prática de atos íntimos, como a masturbação, ganha vida explícita quando mostrada ao público. A menina Raquel usa o verbo jogar e a própria narrativa da Folha de S.Paulo também usa o verbo jogar. Esses jogos são manifestações comportamentais e lingüísticas. O que são os jogos de linguagem em pragmática da comunicação?

4ª. – Leitura enunciativa

Não há um consenso: “sem afinidade, é melhor não fazer, diz psiquiatra “

A matéria é composta a partir de vários sujeitos, não propriamente sujeitos da linguagem, mas sujeitos envolvidos na linguagem, nas condições de enunciadore

enunciatórios, sujeitos emissores e receptores, sujeitos autores e locutores, sujeitos da enunciação, sujeitos dos enunciados, sujeitos ativos e passivos, sujeitos presentes e ocultos, sujeitos de discursos e de inter-discursos. Michel Pêcheux dizia que não existe a prática de um sujeito, mas sujeitos de muitas práticas, além de trabalhar com a idéia de que esses sujeitos são *naifs* (ingênuos), são iludidos. E como a própria palavra indica são assujeitados, a gramática é que passa a idéia de que os sujeitos conduzem as orações recebendo as predicções, e com os quais os verbos concordam. De qual forma, sujeito é uma noção ambígua, vai desde o sujeito em direito até alguém que se assujeitou a um tirano.

Pois bem, esse sujeito controverso está necessariamente metido, envolvido nos diversos enunciados que compõem os discursos e a linguagem em suas funções semântica, sintática e principalmente a pragmática. Por isso é importante que eles apareçam ou sejam nomeados na análise de discurso, e no caso, análise de discurso da mídia impressa diária, da mídia virtual.

No caso presente, sujeitos a destacar-se são as meninas adolescentes, o tablôide folhateen, o jornal Folha de S. Paulo, as meninas nomeadas na matéria, como Jéssica, Mari, Lola, Raquel, os terapeutas Leila Tardivo e Carmita Abdo, a Universidade de São Paulo. O instituto de psicologia da USP, o Pro-Sex – projeto de sexualidade da USP, webcam, internet, blog, chat, chat hostess, trampo, filmes eróticos, filmes pornô, prazer, sensualidade, calcinhas usadas, shows sensuais, ensaios fotográficos, preconceito, São Paulo, São Bernardo do Campo, Vila Olímpia, assinante, pai, prostitutas cibernéticas. A simples exposição dos nomes dos sujeitos já dá uma idéia dos emissores, receptores, enunciadores, enunciatórios, locutores, enfim, uma verdadeira lista de sujeitos pretensamente condutores dessa narrativa da folhateen. As meninas são sujeitos dos enunciados, a folhateen e o jornal Folha de S. Paulo, além dos psicólogos da USP são sujeitos da enunciação, representantes das instituições que envolvem essas narrativas. Nos textos publicadas existe um possível consenso pragmático, as meninas aprovam o que as meninas fazem, e as instituições e profissões nomeadas desaprovam o que as meninas fazem .

Abordagem ‘ meio viajada ‘ do Folhateen – rotinas produtivas e makingnews usando o tempero da sensualidade

O jornal e o tablóide usam de um consenso midiático, que encontra na ambigüidade comportamental dos textos uma forma de makingnews. No ‘falando com a gente’ da edição do folhateen de 12 de abril de 2010, sob o título de indignação, a leitora Fabiana Carvalho, 28 diz:

‘Meio viajada’ a abordagem que a matéria ‘faturando com a sensualidade’ (ed. 5/4) apresenta de atividades ligadas à prostituição e à pornografia. Apesar dos comentários de especialistas ponderando a situação, achei que o tom da maior parte do texto leva à idéia de que mostrar a vagina, masturbar-se e ficar nua na web pode ser um ‘trampo’ como outro qualquer’.

Para se ter uma noção de objetividade e também de verdade dos fatos e acontecimentos, é vital que haja o consenso entre enunciadores e enunciatários, entre aqueles responsáveis pelas proposições enunciativas. Dentro da filosofia da pragmática da linguagem, surge uma verdade relativa aos sujeitos envolvidos nos enunciados, e no caso que se analisa, há a presença de dois consensos, um das meninas que se exibem na internet e outro das instituições, como a USP, o Instituto de Psicologia, os terapeutas e psicanalistas. A mídia entra na coluna do meio, endossando os especialistas, mas dando ênfase editorial às práticas exibicionistas das meninas teenager. Se o exercício da linguagem é um jogo, parece haver uma vitória de 3 x 1 das meninas e do jornal.

5ª – Leitura argumentativa

A mudança de vida: “era uma grande brincadeira!(...) Sacanagem é minha praia”. Mas tudo tem o seu risco e preço.

Os enunciados presentes na matéria da Folha são envolvidos por uma pleura argumentativa que conduz a matéria para a linha comportamental do jogo, da brincadeira, da conquista de novos espaços, muito mais do que pelo dinheiro a ser possivelmente ganho pelas meninas que se expõem praticamente nuas na internet. Essas meninas querem mudar de vida, ter um destino diversificado do que lhes foi traçado inicialmente por sua família e pela sociedade a que pertencem, elas não desejam simplesmente ser reservadas para o casamento e a maternidade, como as histéricas de Freud, ou a Madame Emma Bovary de Flaubert. Como boas burguesas querem ter outra vida, e para tanto jogam com o seu próprio corpo, jogam com a linguagem que falam e com os comportamentos que têm. Maria Rita Kehl diz:

A histérica é aquela mulher que deseja um destino para o qual não fora reparada, sendo que a própria mudança social que está vivenciando anuncia essa possibilidade. No caso da personagem Emma Bovary, de Goustave Flaubert, como pode ela trilhar este novo caminho, se está destinada ao casamento? E é muito interessante considera-se delirante este personagem. E qual o delírio do burguês? Mudar de vida, subir na vida, alterando o seu destino. Vivemos em uma sociedade burguesa absolutamente estabelecida, na qual isto não é algo que cause estranhamento, como ocorria com Flaubert, em 1856.

Por falar em jogos, os argumentos expostos na matéria, que camuflam a questão do sexo mercadoria e sexo dinheiro por sexo brincadeira, sexo curiosidade, lembram bem os próprios jogos de linguagem, os deslocamentos dos lugares de fala, as metáforas alterando sentidos, as alegorias simulando situações. Na manchete da matéria, às páginas 6 e 7 da *Folhateen*, 'faturando com' vem em preto e 'sensualidade' em vermelho. Esse 'faturando' tem aí triplo sentido, é menos dinheiro, mais diversão, mas com direito a admoestações. Diversão esta que a matéria dá um alerta, através de um Box assinado por Leila Tardivo, psicóloga e professora da USP. Ela diz: "a coisificação de si ou do outro é um problema, o ser humano não é um objeto. Isso pode trazer conseqüências, elas podem ser vítimas de bullying, por inveja ou preconceito. A garota se expõe, pode ser vítima de ataques"(...) "É preciso ver as motivações de cada uma e, sendo maiores de idade, respeito suas opções. Mas também é preciso considerar o risco para a saúde física e mental das garotas, de uma situação como essa. Será que está tudo bem mesmo com essas meninas?"

6 a.- Leitura de acontecimento

“ pôr por terra o mito de que a pornografia necessariamente tem a ver com dificuldade econômica. Ninguém, afinal, usou os ganhos para despesas primárias “

Este comentário da psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do ProSex, projeto de sexualidade da USP, mostra que dentre o público envolvido na matéria da *Folhateen*, mais acertadamente de classe B ascendente, brinca-se com a sensualidade e com a sexualidade na internet por diversão, por narcisismo, por curiosidade, por descoberta do mundo adulto, por se encantar com o seu próprio corpo, por gosto do prazer, por agressividade no ataque ou em defesa de si própria, mas não há entre essas meninas o trocar sexo por dinheiro, mesmo que estejam produzindo mercadoria. Se existe o dinheiro, ele virá por over plus, não seria uma prostituição tout cours, seria um mercado de requinte.

O que seria o acontecimento em jornalismo? Maurice Mouillaud responde:

O jornal – e a mídia em seu conjunto – não está, entretanto, face a face ao caos do mundo. Está situado no fim de uma longa cadeia de transformações que lhe entregam um real já domesticado. O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de ‘ fato’ , também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações. (...) A hipótese que sustentamos é a de o acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema de informação, o conceito de ‘ fato’1. (MOUILLAUD: 2002, p.51)

Pode-se tomar os termos ‘fato’ e ‘acontecimento’ como sinônimos. Mas seria apenas um princípio compreensivo do que seja, principalmente, o acontecimento, pois ele acaba sendo mais do que o fato. Ou o fato torna-se acontecimento uma vez trabalhado pelo jornalista. Este é um problema muito próprio do jornalismo, pois a sua prática, e prática recomendada, é que os jornalistas reportem-se a fatos ocorridos ou que acontecem na realidade que observam. E, na medida do possível, que possam prever desdobramentos desses fatos, em novas ocorrências e novos acontecimentos. Seria quase um princípio de verdade, estar construída na medida em que o que se escreve é verdadeiro pois corresponde exatamente, ou quase isso, ao que acontece. Não se trata de uma verdade absoluta, mas uma verdade relativa aos fatos acontecidos, que, inclusive, podem ter diferentes versões, diferentes modos de serem transformados em acontecimentos. Daí a expressão popular, as versões são mais importantes do que os fatos. Pode-se inferir daí que as versões divulgadas *avec justesse* (*com justeza*) reportam-se à verdade e confirmada pela comunidade envolvida, no caso a comunidade dos próprios jornalistas.) Veja o que Gadamer diz:

Tendo em vista a experiência hermenêutica nas artes reprodutivas, é mais provável admitir-se que não há uma objetividade absoluta e que todo intérprete propõe a ‘ a sua própria interpretação ‘, que não obstante não é de modo algum arbitrária , mas pode alcançar ou não um grau definido de propriedade (*justesse*) (...) Muito do que é especialmente individual por parte do intérprete entra em jogo na reprodução (...) Certamente, a compreensão ‘ apropriada’ de um texto introduz nas ciências do espírito algo da posição do intérprete no tempo, lugar e visão de mundo, mas (...) O objetivo último da propriedade (*justesse*) parece ser um total extinguir-se na auto-evidência do sentido do texto.

Walter Romero Menon, em sua tese ‘ L’oeuvre d’art comme expérience de verité ‘ diz:

A ação da palavra, em última instância, consiste em produzir um estado de recepção propício à fixação de uma crença , e em fazer viver essa crença como experiência

sensível da verdade. Experiência de harmonização entre a posição de enunciação e aquela da escuta. Harmonizar aqui tem o sentido de tornar propício a situação de comunicação pela fixação da crença que existe uma coincidência perfeita entre o enunciado que o enunciador pensa que diz, o enunciado dito, aquele escutado pela alocação que o enunciador pensa que escuta. (...) Não somos sujeitos da linguagem, somos sujeitos na linguagem (MENON: 2010, P.26)

Assim, pode-se dizer que o acontecimento jornalístico é uma experiência de verdade, é algo feito com propriedade, com justeza, na medida em que o que o jornalista escreve de um fato vem de sua experiência vivencial. Dentro de um *ethos* jornalístico, ele não estaria disposto a mentir, pelo menos está-se falando em termos ideais de uma comunicação proveitosa. Caso esteja mentindo ou jogando verde para colher maduro, trata-se de uma deformação da profissão de jornalismo, infelizmente bem comum em nossas redações. Neste caso o raciocínio da verdade não procede, ficando o dito pelo não dito. E aí não seria um acontecimento, mas um não acontecimento, cabendo aos analistas a descoberta e a denúncia da fraude. Mais do que em termos jornalísticos, em termos de usos pragmáticos da linguagem, é imperioso que haja o consenso comunicativo, das partes envolvidas no processo. Emissores e receptores devem estar de acordo com **o teor das mensagens, inclusive o seu caráter político.**

No caso da matéria da Folhateen, a jornalista colaboradora do jornal Folha de S. Paulo, Ana Virgínia Balloucier, diante do fato das exposições eróticas das meninas de 13 a 19 anos, ou mais... faz uma interpretação psicanalítica, muito mais do que sociológica, criando acontecimentos que são fruto de sua apropriação, de sua experiência de verdade, falando-se em termos comportamentais do termo, uma vez que a matéria foi publicada na página dupla de comportamento. Quando se trata de notícias abordando questões sexuais e sensuais, e dentro de uma esfera elitista de classe média ascendente, como é o público do tablóide Folhateen, do jornal Folha de S. Paulo, a tendência seria mascarar a mercadoria, o ganhar dinheiro, para dar mais espaço a narciso e outros bichos.

Este é o acontecimento da matéria, faturando com a sensualidade, mas numa especulação mais comportamental e menos monetária. E os dizíveis, próprios dos acontecimentos, as coisas vão continuar acontecendo nesse caminho dos comportamentos.

Referências bibliográficas

- CABRERA, Julio. *Margens das filosofias da linguagem*. Brasília, Editora UnB, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. Volume 1*. Rio de Janeiro, Graal, 1993
- GADAMER, Hans Georg. *O problema da consciência histórica*. Organização de Pierre Fruchon. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GREIMAS, A.J. e J. COUTÉS. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Cultrix, 1979
- GUIDDENS, Anthony. *A transformações da intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, UNESP, 1993.
- KEHL, Maria Rita. *Destinos da sexualidade na era tecnológica* in Atrator Estranho. São Paulo, Universidade de São Paulo, ECA - Departamento de Jornalismo e Editoração. NTC – Centro de Estudos e Pesquisas em novas tecnológicas, comunicação e cultura. N.16 – agosto de 1995, 47 pp.
- MENON, Walter Romero. *L'oeuvre d'art comme expérience de vérité*. Tese de doutorado em filosofia da arte, a ser defendida na Université Paris VIII – Vincennes – Saint Denis, em junho de 2010.
- MOUILLAUD, Maurice e Sergio Dayrell Porto (org.) *O Jornal – da forma ao sentido*. Brasília, Editora UnB, 2002, 2ª. Edição.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas, Editora Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- PORTO, Sergio Dayrell. *Análise de Discurso – O Caminho das Seis Leituras Interpretativas em Massa Folhada*. Brasília, Casa das Musas, 2010. 82 pp.
- PORTO, Sergio Dayrell (org.) *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*. Brasília, Editora UnB, 1997

Referências jornalísticas

- Folha de S. Paulo – tablóide Folhateen. Matéria: *Muito Prazer - Faturando com Sensualidade*. São Paulo, Folha de S. Paulo, 5 de abril de 2010, páginas 6,7.
- Folha de S. Paulo – tablóide Folhateen. Seção Fale com a gente. E. mail de Fabiana Carvalho: *Indignação*. São Paulo, Folha de S. Paulo, 12 de abril de 2010, p.2